

Projeto musical
une o povo pataxó
no Sul da Bahia

PÁGINA 4



Compositores
homenageiam
Caetano Veloso

PÁGINA 5



Mostra em SP
revela Di Cavalcanti
inédito no país

PÁGINA 6



2º CADERNO

Divulgação Star+

Símbolo
legítimo da
cariquice, Seu
Jorge estrea a
série dirigida
por Carlos
Saldanha



Em 'How To Be a Carioca', que estreia no Star+, Seu Jorge ajuda turistas no Rio, mostrando a verdadeira essência da Cidade Maravilhosa

Curso intensivo de Cariquice

Por Pedro Sobreiro

Quando se fala em ser Carioca, qual é a primeira coisa que vem em mente? Para o diretor e cria de Marechal Hermes, Carlos Saldanha, nada representa mais a Cidade Maravilhosa do que a molecada transbordando de alegria ao soltar pipa numa tarde de sol.

É com essa energia que o mago

brasileiro das animações faz sua estreia na direção de pessoas de carne e osso na série "How To Be a Carioca", que estreia nesta quarta-feira (18) no streaming Star+. "O que é ser carioca?" é uma pergunta que eu sempre faço a mim mesmo. Eu nasci no Rio e estou morando há muito tempo fora, mas me sinto um carioca de coração. Acho que ser carioca é um estado de espírito. Conheço muitos que nasceram no Rio e não se sentem cariocas, assim como muitos que não nasceram

na cidade, mas que foram para lá e se tornaram cariocas honorários. Ser carioca é saber aceitar a cidade, trabalhar com a cidade e cuidar da cidade. Acho que para ser carioca, você tem que cuidar do que você ama. Se você é realmente carioca, você ama e cuida da cidade sem ficar cego pelos problemas, mas tenta prestar atenção neles e tentar melhorar por meio desse cuidado", comentou Saldanha.

A série tem seis episódios e se

inspira no livro homônimo da norte-americana Priscilla Ann Goslin, uma apaixonada pela Cidade Maravilhosa, que mora por aqui há cerca de 50 anos e se enamora cada vez mais pelo Rio.

Em cada episódio, um morador de outro país acaba parando no Rio, seja a turismo, trabalho ou missões pra lá de inesperadas, como realizar o último desejo de um parente, e acaba passando por questões próprias. Assim, um encontro inesperado com o personagem de

Seu Jorge acaba direcionando os gringos para uma resolução mais carioca possível.

Em tempos tão complicados, a produção de Carlos Saldanha vem como um abraço para o povo brasileiro, quase como um afago na autoestima nacional tão surrada nos últimos anos. Porque mesmo com todos os problemas, a resiliência do carioca e sua capacidade de acolher o mundo em seus braços segue mantendo a cidade de pé e levando o Brasil para o mundo. Ou seja, em meio a tempos difíceis, não faz mal aprender um pouco mais sobre 'How To Be a Carioca'.

Continua na página seguinte

Projeto original era um filme

Conhecido mundialmente por animações como “A Era do Gelo” e “Rio”, Carlos Saldanha revela que a ideia inicial era fazer um filme, mas acabaram percebendo que o formato ideal era o série, para poder explorar os diferentes Rios que cabem no Rio de Janeiro. “Quando a gente conseguiu os direitos do livro, há oito anos, a ideia inicial era para fazer um filme. Mas como são diferentes Rios em um único Rio, a gente teve um problema que era querer andar a cidade inteira num único dia, e rendia situações sem profundidade, estereotipadas. Então, quando a gente mudou o formato para série, a situação mudou, porque a gente poderia mostrar muito mais”, justifica.

“Então, em vez de ser apenas um gringo no filme, decidimos que cada episódio traria um turista. E antes de escolher o país de onde esse gringo viria, a gente buscava uma temática para cada episódio. Pra mim, as histórias só funcionam se elas têm algo a dizer. E o livro nos inspira muito. A gente pensou em falar sobre fé, humor, racismo, amor, música... Pegamos essas temáticas-chave que são muito típicas do carioca e desenvolvemos as histórias”, detalha o diretor.

E apesar do grande chamariz da produção ser o rosto do Seu Jorge, a produção vai além. Saldanha admite que a possibilidade de trabalhar com várias culturas foi marcante para o projeto.

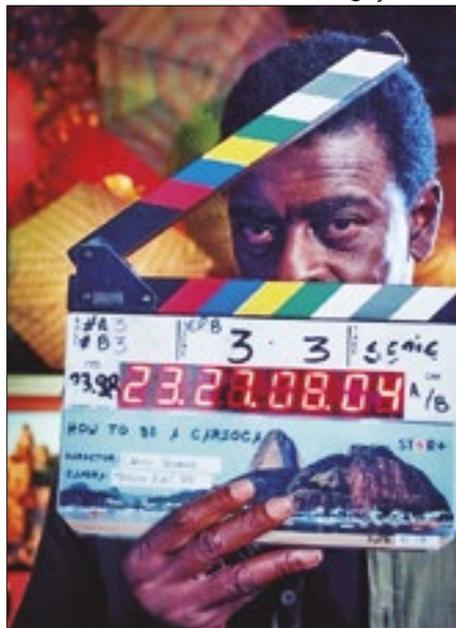
“Não teria série se não fosse o Seu Jorge. Ele era o único nome que estava na cabeça da nossa produção. Quando a gente começou a bater papo para ver qual era o carioca que a gente queria, que tivesse música, carisma, presença e uma voz maravilhosa, a única opção era o Seu Jorge. Fomos lá conversar com ele, apresentamos o projeto e dissemos que só sairíamos de lá quando ele dissesse ‘sim’. Eu não conseguia ver outro carioca no lugar. Se ele dissesse ‘não’, eu ia sofrer muito para contar essa história de outra maneira. E quem vê o trailer acha que é uma série sobre o Seu Jorge. Bem, é e não é. A gente escolheu um país por episódio e ele aparece em todos como um tipo de oráculo, chegando para ajudar os gringos. Agora, todas essas historinhas trazem um pedaço de uma história maior que será contada justamente no último



Divulgação/Star+

Douglas Silva, Andrea Frigerio, Carlos Saldanha e Verónica Llinás no lançamento da série, no Festival do Rio, no Cine Odeon.

Divulgação Star+



Para Saldanha, Seu Jorge é ‘um anjo da guarda’ da cidade

episódio. O sexto episódio é voltado exclusivamente para o Rio, se juntando para contar a história do personagem do Seu Jorge, que ‘cola’ esses personagens e representa a gente. Sem ele, não haveria a série”, garante.

“Eu moro há muito tempo fora e quando eu era pequeno, a gente ia muito pra praia e eu já falava inglês. De vez em quando, eu via os gringos perdidos na praia, sem saber pedir informação, sem saber pedir um sorvete, e eu

era tão orgulhoso de estar ali e puxava conversa. Perguntava se já tinham ido em tal lugar, se já tinham provado o biscoito Globo, e ajudava eles. Eu fazia meio que um papel de anjo da guarda, porque eu sentia que eles não aproveitariam o Rio por completo porque eles não falavam a língua. E eu ficava naquele desespero de querer falar, de indicar, porque eu queria que eles gostassem da cidade, que eles vissem tudo o que eu via. Então, eu botei o Seu Jorge nesse espaço que é muito carioca, de doar o seu tempo para ajudar alguém, mesmo em um momento de muitas dúvidas. Você tem orgulho de compartilhar o que você tem”, acrescenta o diretor.

Além disso, a série conta com uma mescla de elencos muito fora da curva. Além de contar com veteranos do cinema nacional e nomes casquados do cenário internacional, ‘How To Be a Carioca’ traz artistas jovens e promissores.

“O Seu Jorge é um carioca da gema mesmo, com seu jeito de falar, agir, com sua musicalidade. O Douglas Silva foi incrível no episódio da Argentina. Ele trabalhou com duas atrizes veteranas da Argentina, a Verónica Llinás e a Andrea Frigerio, e foi fantástico! O episódio de Israel contou com a participação da molecada sensacional do ‘Nós do Morro’. E por falar desse casting jovem, o Nego Ney foi um menino que a gente descobriu pelo YouTube. Quando a gente viu o vídeo dele, nós percebemos que ele tinha muito talento. A gente tinha que dar

essa oportunidade e trazer ele para o projeto. Ele atuou com Swell Ariel, que veio de Israel, eles tiveram uma química incrível e rendeu um episódio muito marcante para a série. A gente tem muito prazer de ter montado esse elenco, trazendo também artistas brasileiros mais tradicionais, como a Malu Mader, o Antônio Pitanga, que veio com uma ponta no episódio final, fazendo essa mistura do novo com o antigo”, empolga-se o diretor na conversa com o Correio da Manhã.

O coração da série

Falar de Rio sem trabalhar a musicalidade é praticamente impossível. E ‘How To Be a Carioca’ traz uma trilha marcante e com diversidade, do forró até a música de concerto alemã, a produção investiu nos diversos estilos sonoros que marcam o dia a dia do carioca. Tudo com a produção da cantora e produtora Maria Gadú. “Eu amo a Gadú porque ela tem uma musicalidade e conhecimento musical incríveis. Ela se doou muito ao projeto usando artistas que ama, pegando músicas que ama, deixando a vontade de estar ali, de aparecer, de lado”, conta.

Nos últimos anos, muitas produções destacando o lado negativo do Rio foram feitas, trazendo temas que fazem parecer que não há mais o que fazer na cidade. Mas Carlos acredita que é sempre importante mostrar os dois lados.

“No mundo inteiro eles contam histórias mais bobinhas sobre qualquer lugar do planeta, então por que não ter algo mais leve sobre o Brasil? Só precisa mostrar tragédia? Acho que contar os dois lados é sempre importante. E ‘How To Be a Carioca’ traz muitos elementos que eu pensei enquanto fazia a animação ‘Rio’ (2011), e mesmo sendo projetos completamente diferentes, você sai com aquele mesmo sentimento de pertencimento. Não só de ser carioca, mas de ser brasileiro. Meu intuito na série é fazer algo que você se identifique e não rejeite. A ideia é fazer você sentir que está no Rio de Janeiro”, disse.

Com seis episódios, a série chega ao serviço de streaming Star+ nesta quarta-feira (18). E há muito mais a contar, basta apenas que o público tenha uma boa reação ao seriado. Segundo o diretor, ainda há muito a ser mostrado sobre o Rio de Janeiro, principalmente sobre a Zona Norte.

“Por questões de tempo e orçamento, acabamos fechando a série em seis episódios. A ideia inicial era contar com sete capítulos sobre os gringos e um sobre o Rio. Mas temos histórias com outros países para abordar assuntos que não foram incluídos nessa. A gente não abordou futebol, não abordou carnaval, samba de raiz, a comida... Se a galera gostar e quiser mais, o que a gente mais tem é história”, afirma.

Divulgação



Longa de Justine Triet conquistou a Palma de Ouro de Cannes e tende a repetir seu sucesso em plagas suíças

Mostra a cara, Palma de Ouro

‘Anatomia de uma Queda’, misto de drama e suspense de tribunal que consagrou a diretora francesa Justine Triet, vai ser exibido nesta quarta-feira na abertura da maratona cinéfila paulistana

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Prestigiada por 1,1 milhão de pagantes em terras francesas, a produção ganhadora da Palma de Ouro de Cannes aporta sua excelência no Brasil nesta quarta-feira: hoje, às 20h, a projeção de “Anatomia de uma Queda”, na Cinemateca Brasileira, dá a largada para a edição nº 47 da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. A direção de Justine Triet e a interpretação da atriz alemã Sandra Hüller são fortes candidatas ao Oscar 2024.

“Tento criar um cinema que desafie a força da palavra, mas sem subestimá-la, explorando as angústias femininas, Gosto de

personagens que me permitam desafiar a moral”, disse Justine ao Correio da Manhã durante o Rendez-Vous Avec Le Cinéma Français, em Paris, pouco antes da finalização do longa que a levou a ganhar a láurea máxima de Cannes, em maio.

Realizadora de “Na Cama Com Victoria” (2016) e “Sibyl” (2019), Justine causou rebuliço em Cannes ao questionar o sistema político de Cannes, reclamando de seus desajustes sociais no palco do Palais des Festivals da Croisette. “O brado de Justine em Cannes expõe a dificuldade que nós mulheres ainda temos na luta para fazer cinema na Europa, mesmo diante do boom de longas de viés feminino”, disse a cineasta Claire Denis, uma das mais aclamadas realizadoras francesas, ao

falar da obra da conterrânea no Festival de San Sebastián, que também exibiu “Anatomia de uma Queda”. “O trabalho dela é impactante e pessoal”.

Exibido ainda no Festival de Locarno, na Suíça, “Anatomie d’Une Chute” (título original) ganhou prêmios ainda em mostras em Sydney e Bruxelas. Foi o terceiro filme da História dirigido por uma mulher a levar a prestigiada honraria de Cannes para casa, precedido pelo cult “O Piano” (1993), de Jane Campion, e pelo igualmente aclamado “Titane”, de Julia Ducournau. No Brasil sua estreia já está assegurada pela distribuidora Diamond. A presença do longa na Mostra de SP é uma vitrine de arranque para seu lançamento comercial.

“A Diamond Films é referência no mercado independente por levar aos cinemas títulos diversos e premiados, e estamos muito orgulhosos de apresentar mais uma vez um filme vencedor da Palma de Ouro na abertura da Mostra”, diz o diretor geral da Diamond Films Brasil, Vinicius Pagin. “Em 2022, o grande vencedor de Cannes e indicado ao Oscar, ‘Triângulo da Tristeza’, teve sessões lotadas durante o evento. Temos certeza de que o sucesso irá se repetir com ‘Anatomia de Um Queda’, reforçando o nosso compromisso com qualidade e a nossa potência para os próximos meses.”

O que a Mostra vai ver nessa produção de 6 milhões de euros é uma trama de tons policiais sobre uma escritora, Sandra Voyter (papel de Hüller), acusada pela morte do marido e esmagada pela mirada sexista por trás dessa acusação. O roteiro foi escrito por Justine em duo com Arthur Harari. Sob uma ótica investigativa contra o sexismo, Triet renova um filão com um vasto histórico de sucesso popular, sobretudo em telas francesas, onde diretores como André Cayatte (1909-1989), famoso por “Somos Todos Assassinos” (1952) e “O Direito de Matar” (1950), consolidaram as narrativas judiciais como um veio dramaturgico. “É um estudo sobre o espaço privado quando este é devassado pela sociedade. Tentei, pra isso, expandir os códigos dos ‘filmes sobre processos legais’. É uma análise das palavras da Corte”, disse Justine ao Correio, em Cannes.

Este ano, os prêmios honorários da Mostra serão entregues a um time de cineastas de prestígio: Sylvain George, Errol Morris, Júlio Bressane e Emir Kusturica, que fará parte do júri, ao lado da atriz Bárbara Paz, a diretora e atriz Enrica Fico Antonioni, o realizador Lenny Abrahamson, a diretora-executiva Mariette Rissenback e o ator e artista visual Welket Bunguê.

Divulgação



CORREIO CULTURAL

Divulgação Band



O MasterChef Júnior não volta ao ar em 2024

Band cancela MasterChef com idosos e crianças em 2024

A Band cancelou duas versões do MasterChef para 2024. A emissora desistiu do MasterChef +, dedicado a cozinheiros idosos, e o MasterChef Júnior, apenas com crianças. A ideia é reduzir o desgaste da produção, que completará dez anos no ar. A informação consta no plano comercial enviado ao mercado publicitário.

Com isso, apenas duas versões serão produzidas. Entre 7 de maio e 22 de outubro, com 25 episódios, a Band exibirá a versão tradicional com amadores, a 11ª desde que o formato chegou ao Brasil, em 2014. Já entre 29 de outubro e dezembro, o MasterChef Profissionais terá sua sexta fase levada ao ar. Serão 10 episódios ao

Parque de Ideias

O Parque de Ideias retorna à Biblioteca Parque Estadual para mais uma edição com música, literatura e informação. Idealizado pelo cineasta Marcio Debellian, o projeto leva programação cultural e educativa às bibliotecas públicas da cidade.

Parque de Ideias II

Dentro do projeto, a cantora e atriz potiguar Juliana Linhares sobe ao palco da Biblioteca Parque Estadual nesta quarta-feira (18), às 18h, para apresentar o show "Nordeste Ficção", baseado em seu aclamado primeiro álbum solo.

Oportunidade

A Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, do Theatro Municipal do Rio, abre até o dia 31 as inscrições para o processo seletivo de 2024 para novos alunos estudarem de graça. Podem participar crianças e jovens de todo o Brasil.

Tributo ao ABBA

Uma das mais conhecidas e aclamadas bandas de tributo ao lendário quarteto ABBA, a The Dancing Queens UK se apresenta nesta quarta-feira (18), às 21h, no palco do Vivo Rio. O grupo presta esse tributo há ininterruptos 29 anos.



Mesmo após massacre da tribo nos anos 1950, o povo resiste e uma de suas ferramentas de luta é o grupo musical Marujos Pataxó

Pataxós também reivindicam origens do samba

Apoiado pela Natura Musical, projeto ganha álbum e .doc que revela a contribuição dos povos originários da Bahia ao gênero

A contribuição dos povos originários para o que consideramos brasileiro é muitas vezes invisibilizada. Isso ocorre na vida pública, na língua, nos costumes, na culinária, na medicina, na arte e na música. Suprindo uma lacuna na história da MPB, Marujos Pataxó apresenta o samba indígena.

O grupo lançará em novembro um álbum com produção musical de Lenis Rino (Fernanda Takai, Matheus Aleluia, Tatá Aeroplano, Palavra Cantada), direção técnica de Tejo Damasceno (BNegão e os Seletores de Frequência, Sabotage, Instituto) e masterização de Fernando Sanches (Criolo, Baianasystem); um documentário que apresenta a história do grupo, do gênero musical e do próprio povo Pataxó; um videoclipe e remix assi-

nado pelo Tropkillaz.

Presentes na formação do gênero no sul da Bahia, as tradições percussivas e rítmicas do samba indígena seguem preservadas na Aldeia Mãe Barra Velha, no território Pataxó, onde o samba é um ritual sagrado no qual os indígenas expressam sua fé e cultura com originalidade, passando de geração em geração através de músicas que retratam a natureza e a vida no campo.

O território, que conta com o Parque Nacional do Monte Pascoal e fica tão perto da área onde os navegantes portugueses aportaram em território indígena, em 1500, foi o primeiro aldeamento do Brasil e consta com 523 anos de resistência. Depois do trágico massacre ocorrido em 1951, houve uma diáspora do povo Pataxó por

diversos pontos do país, que ainda enxergam aquela aldeia e região como parte de suas raízes.

Um retrato da resiliência e da força, a cultura do povo Pataxó segue firme apesar de massacres, dores e de mais de 500 anos de invasões sofridas, repressão que inclui a queima de casas, invasão de terras e até assassinato de indígenas. Permanecer nas terras, apesar de décadas de repressão cultural, é um ato de resistência em nome das gerações passadas e futuras.

O projeto visa reconhecer a influência indígena na criação do samba brasileiro, promovendo o samba indígena de raiz com os Marujos Pataxó. Além de fortalecer e divulgar essa forma musical única, busca melhorar a qualidade de vida na aldeia através da arte, gerando emprego, renda e preservando a cultura tradicional Pataxó. A marujada indígena se apresenta para o país todo compartilhando a memória, a luta e a cultura dos ancestrais de forma sustentável e global.

Marujos Pataxó foi selecionado pelo edital Natura Musical, por meio da lei estadual de incentivo à cultura da Bahia (FazCultura), ao lado de Casa do Hip-Hop Bahia, Cronista do Morro, Festival Pago de Por Elas, Os Tinoças e Ventura Profana. No estado, a plataforma já ofereceu recursos para mais de 80 projetos de música até 2022, em diferentes formatos e estágios de carreira, como Margareth Menezes, Luedji Luna, Mateus Aleluia, Mahal Pita e Casa do Hip Hop da Bahia.

“Meu coração vagabundo, Quer guardar o mundo, Em mim”. Ícone da música brasileira, o compositor, cantor, músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro Caetano Veloso terá toda sua trajetória celebrada em uma justa homenagem. A União Brasileira dos Compositores (UBC) realizará a sétima edição do Prêmio UBC, em uma cerimônia repleta de surpresas para Caetano. O artista receberá o Prêmio do Compositor Brasileiro, dia 5 de dezembro, em evento na sede da entidade.

A União Brasileira de Compositores criou o Prêmio UBC em 2017. Na estreia, o homenageado foi Gilberto Gil, maior parceiro autoral de Caetano. Nos anos seguintes, Erasmo Carlos, Milton Nascimento, Herbert Vianna, Djavan e Alceu Valença. Agora, o Prêmio do Compositor Brasileiro segue em boas mãos. Com uma carreira de mais de seis décadas, somando 642 composições registradas e 1988 gravações como intérprete, Caetano construiu uma obra inigualável, marcada pela autenticidade e renovação.

Com 56 álbuns lançados, sendo 30 de estúdio, 20 ao vivo e seis coletâneas, o artista tem o reconhecimento não apenas de uma imensa comunidade de fãs no Brasil e em todo o mundo, mas também da indústria musical. Caetano foi cinco vezes indicado ao Grammy Awards, tendo vencido em 2001 e 2002 na categoria Melhor Álbum de Música Global. Além de ter sido 29 vezes indicado ao Latin Grammy, dos quais venceu 13 troféus, em diversas categorias.

A edição 2023 do Prêmio UBC conta com direção artística de Zé Ricardo, diretor artístico de festivais como Rock in Rio e The Town. Na ocasião, Caetano testemunhará uma apresentação inédita, exclusivamente concebida para esta noite, com shows de mais de uma dezena de grandes nomes da música brasileira, de diversas gerações, interpretando ao vivo versões inéditas do artista. Celebrando a obra do compositor, contemplando sucessos de sua carreira, o line-up tem os nomes guardados a sete chaves e será surpresa inclusive para o homenageado. Para mais atualizações sobre a celebração, acompanhe as redes sociais da UBC.

“A UBC é por quem faz a música e o Prêmio UBC reconhece a importância do autor, valorizando a sua relevância na história e no mercado da música. Nesta edição, teremos a alegria e a honra de homenagear um dos nossos maiores expoentes da música e arte brasileira. Artista, pensador, inspirador, inovador, transformador, ativista social, Caetano Veloso, nosso poeta genial, com sua obra singular representa a todos nós. Ele é essência e fundamento, passado, presente e futuro”, diz Paula Lima, diretora-presidente da UBC, cantora e compositora.



Caetano iniciou a sua carreira musical em 1965, com o lançamento de um compacto duplo pela gravadora RCA

Compositores celebram Caetano

Prêmio UBC 2023 celebra a obra do artista e honraria será entregue em cerimônia com homenagens ao baiano e apresentações inéditas de grandes nomes da MPB em 5 de dezembro

Para Marcelo Castello Branco, diretor-executivo da UBC, “Caetano é onde o Brasil é mais amorosamente baiano e global. Suas canções e usina intermitente de pensamentos enriquecem a produção criativa do País, com assertividade e sensibilidade sempre singular, com percepções e perplexidades que nos emocionam e fazem refletir, sempre, numa nova construção. O Prêmio UBC Compositor Brasileiro mais uma vez estará em boas mãos, de um grande compositor admirado no mundo inteiro. É uma honra e uma bem-vinda responsabilidade poder contar com ele e sua transcendental obra”.

Além das interpretações musicais, o Prêmio UBC 2023 apresentará aos convidados uma imersão completa no rico universo autoral do homenageado. Isso inclui cenografia meti-

culosamente planejada, climatização, culinária e bebidas cuidadosamente escolhidas, e inúmeras surpresas ao longo da noite. Um envolvente tour sensorial acompanha o público presente desde o momento da chegada até a partida da Casa UBC, garantindo que todos os sentidos sejam contemplados nessa jornada musical e cultural.

Entre os muitos elogios justos que possam ser proferidos sobre Caetano Veloso, talvez a sua qualidade de trabalhar a carreira como se fosse uma intrincada peça de filigrana é dos que mais ressoam ao fim de mais de cinquenta anos de canções. Ao fazê-lo, Caetano não está apenas a renovar o seu olhar artístico sobre si mesmo, mas também sobre o Brasil e as suas infinitas linguagens musicais.

Caetano iniciou a sua carreira musical em

1965, com o lançamento de um compacto duplo pela gravadora RCA. Seu primeiro LP gravado, em parceria com Gal Costa, foi “Domingo”, lançado em 1967. No mesmo ano, lançou seu LP solo, que contém os sucessos “Alegria, Alegria” e “Tropicália”.

No final da década de 1960, liderou, ao lado de Gilberto Gil, o movimento Tropicalista, por isso sua vasta obra é fortemente reconhecida pela releitura e renovação da criação musical brasileira, e que possui um grande valor poético e intelectual. Em 27 de dezembro de 1968, ele e Gilberto Gil foram presos, acusados de terem desrespeitado o hino nacional e a bandeira brasileira, ambos foram soltos numa quarta-feira de cinzas, em 19 de fevereiro de 1969.

Ainda em 1969, parte para o exílio em Londres e nesse período gravou os álbuns “Caetano Veloso” (1969) e “Caetano Veloso” (1971). Em 1972, após retornar ao Brasil, lançou o álbum “Transa”, um dos seus discos mais cultuados ao longo das últimas décadas. Em 1976, uniu-se a Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil para formar o grupo Doces Bárbaros. A formação do grupo foi tema do filme “Doces Bárbaros”, de Jom Tob Azulay, e o disco até hoje é considerado uma obra-prima da música brasileira.

Desde então, foram mais de 40 álbuns lançados, reunindo um sem número de elementos estéticos, criando sonoridades e uma verve lírica única, formando uma obra transcendental, que não apenas segue influenciando gerações de artistas, mas moldou a cultura brasileira como conhecemos hoje.

Em 2021, Caetano lançou o álbum “Meu Coco”, que foi gravado em seu estúdio caseiro, em meio ao isolamento social durante a pandemia de Covid-19 e que gerou uma turnê pelas principais cidades brasileiras e que já se apresentou nas principais capitais do Brasil, América do Sul e, atualmente, está percorrendo a Europa.

Por Alessandra Monterastelli
(Folhapress)

Um Di Cavalcanti inédito no Brasil

Vendida pelo pintor na década de 1930 em Paris, a tela 'Carnaval' tinha o paradeiro desconhecido e chegou até a ser dada como perdida

Uma tela enorme mostra uma cena de Carnaval de rua do século passado. Casinhas coloniais, colinas e um trilho de trem solitário servem de fundo para sete personagens, alguns mascarados, outros com longas saias coloridas. Um deles, de camiseta regata e pelos do peito à mostra, segura um cavaquinho.

Pinceladas mais escuras acentuam as ondulações da saia da figura central, que parece pronta para a festa, e conferem uma volumetria hipnotizante ao tecido. Soma-se ao traço um vermelho vibrante e a obra se torna inconfundível, é de uma tela de Emiliano Di Cavalcanti.

O itinerário de "Carnaval" era desconhecido desde a sua venda pelo próprio pintor, na Paris da década de 1930. Recentemente, a obra foi descoberta no apartamento de um colecionador, ainda na capital francesa, e agora a tela integra a exposição "Di Cavalcanti - 125 anos", em cartaz no Farol Santander, em São Paulo.

Denise Mattar, a curadora da mostra, analisou a tela junto a Elisabeth, filha de Di, que confirmou a autoria do pai. "Depois dos trâmites legais, a obra finalmente veio ao Brasil", diz.

A tela tem semelhanças com "Samba", de 1925, queimada durante um incêndio no apartamento do marchand Jean Boghici, em 2012. Ambas os trabalhos trazem referências ao muralismo mexicano, do qual Di Cavalcanti seria um grande admi-



'Carnaval' está em mostra alusiva aos 125 anos de Di Cavalcanti em cartaz em SP

rador nos anos seguintes. "Em 1922, quando aconteceu a Feira Internacional no Rio de Janeiro, havia um pavilhão mexicano, frequentado por

Di Cavalcanti", explica a curadora.

A exposição, em cartaz até o dia 7 de janeiro, traz outra tela chamada "Samba", uma pequena aquarela

datada de 1935, que representa músicos em uma roda de samba, com traços caricaturais e vestes minuciosamente detalhadas.

Descoberta técnica secreta de Da Vinci

Saiba o segredo da 'Mona Lisa' encontrado por cientistas

Cientistas identificaram a presença de um composto químico raro no quadro "Mona Lisa", de Leonardo da Vinci.

A composição química da obra é distinta de outros trabalhos do pintor e daqueles feitos



'Mona Lisa' é a tela mais célebre de Leonardo Da Vinci

por artistas da época.

De acordo com o estudo publicado no Journal of the American Chemical Society, Da Vinci utilizou pó de óxido de chumbo para engrossar e secar as camadas de tinta da pintura.

"Ele era alguém que adorava experimentar, e cada uma de suas pinturas é completamente diferente tecnicamente", disse Victor Gonzalez, líder do estudo e cientista do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. "Neste caso, é interessante ver que de fato existe uma

Apesar de ter sido consagrado enquanto pintor, Di Cavalcanti iniciou sua carreira como desenhista, profissão que manteve por anos. "Fantoches da Meia-noite", uma série de desenhos feitos em 1921 e expostos na Semana de Arte Moderna, também estão presentes na mostra.

De tom obscuro, personagens em preto e branco são desenhadas presas a cordas, como se fossem bonecos sem autonomia. A obra foi uma representação de Di da prostituição nas ruas de uma São Paulo do início do século.

Para Mattar, "Fantoches da Meia-noite" poderia ser considerado o primeiro trabalho autoral do pintor, concebido durante sua amizade com Oswald de Andrade e outros modernistas paulistanos.

Além de "Carnaval" e "Fantoches da Meia-noite", a mostra traz obras que ilustram bem a trajetória de Di Cavalcanti enquanto pintor, conhecido por ser amante da boêmia. "Seresta", de 1925, por exemplo, mostra um grupo de pessoas no que parece ser uma pequena celebração.

Para o pintor, o povo que ocupava diariamente as ruas e praias, dos pescadores às mulheres desempenhando afazeres cotidianos, deveriam ser os protagonistas de suas telas.

SERVIÇO

DI CAVALCANTI — 125 ANOS
Farol Santander (Rua João Bricola, 24, Centro - São Paulo)
Até 7/1, de terça a domingo (9h às 20h)
Ingresso: R\$ 35

técnica específica para a camada superficial da 'Mona Lisa', acrescentou Gonzalez.

Com o auxílio de exames de raio-x, os cientistas detectaram o plumbonacrite, uma substância química rara que estava quase invisível a olho nu e mais fina que um fio de cabelo.

Essa mesma substância já havia sido encontrada em uma pintura de Rembrandt. "Há muito, muito mais coisas para descobrir. Mal estamos arranhando a superfície", disse Gonzalez.

Arte descolonizada a céu aberto

Divulgação

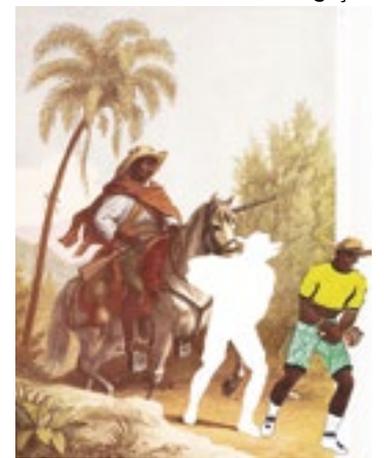


Conselho Tamoio 02, por Denilson Baniwa

Exposição de Lambe-lambes a céu aberto, 'Mixagens Urbanas' ocupa ruas do Centro do Rio até 13 de novembro



Atualizações Traumáticas de Debret, por Gê Viana



Negros Livres 2, por Gê Viana

Até o dia 13 de novembro o Centro do Rio se transforma em uma galeria a céu aberto com o projeto "Mixagens Urbanas", uma exposição de lambe-lambes que ocupará as ruas da região portuária entre Gamboa e Saúde. A mostra apresenta as obras de cinco artistas indígenas, negros e não-binários que, por meio de vivências decoloniais, redefinem espaços históricos e imagens do universo da História da Arte, a exemplo das gravuras de Rugendas (1802-1858) e Debret (1768-1848).

"Nosso desejo é ressignificar imagens tidas como canônicas ou como únicas narrativas de uma história contada apenas pelos opressores", ressalta Julia Baker, curadora e idealizadora do projeto.

Na série "Devolta", Diambe desafia a simbologia da monarquia ao criar coreografias com o fogo em torno de estátuas icônicas, como as de D. Pedro, D. João VI e a Princesa Isabel. Uma ação que busca descolonizar o espaço, questionando quais heróis estamos homenageando em bronze.

André Vargas utiliza as palavras para questionar as localidades fotografadas. Em "Hoje só Lavaremos a Alma", ele ocupa o espaço da



Calunga Grande, por André Vargas



Hoje Só Lavaremos a Alma, por André Vargas

antiga lavanderia dos escravos no Parque Lage, destacando a questão do trabalho escravo. Em "Calunga Grande", ele apresenta uma faixa em frente à Praça Mauá, ressignificando o local de desembarque de pessoas escravizadas.

Em "Todo o Mar em Mim",

Martins Fortunato utiliza imagens de arquivo de uma mulher negra, ressignificando-a e associando-a a Iemanjá, a mãe do mar e das cabeças (orí).

Gê Viana trabalha com colagens digitais, intervindo em gravuras de Rugendas (1802-1858)

e Debret (1768-1848). Suas séries "Negros Livres" e "Atualizações Traumáticas de Debret" questionam as representações totalizantes da realidade, apresentadas por esses cronistas do Brasil colonial/imperial.

Denilson Baniwa participa

com as obras inéditas "Conselho Tamoio 01 e 02", que reafirmam a sua arte política. Nelas, podemos ver indígenas reivindicando o território com uma placa: "Rio de Janeiro - Terra Indígena".

"Fugir do cubo branco e permitir o encontro entre passantes e os trabalhos artísticos fez com que desejássemos uma exposição no ambiente das ruas, utilizando uma linguagem comum a ela: o lambe-lambe", finaliza Baker.

O ponto de partida para o percurso que dá acesso às obras será o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), na Gamboa. Lá, os visitantes encontrarão um QR code que os levará ao site com o itinerário completo, além de informações detalhadas sobre as obras e os artistas envolvidos. Além disso, será disponibilizado um flyer contendo todas as informações relevantes.

O projeto também oferece duas oficinas de lambe-lambe ministradas por Bruna Santos. Os encontros acontecem na sala 203 do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, (Rua Benedito Hipólito, 125 - Praça XI) nos dias 25/10 (para crianças e adolescentes de 10 a 17 anos) e 28/10 (para o público em geral), sempre das 14h às 18h. Não é preciso fazer inscrição.

SERVIÇO

MIXAGENS URBANAS
ponto de partida: Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB (Rua Pedro Ernesto, 80 - Gamboa)
Até 13/11
Grátis

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.